# Lição 6: O argumento de Parmênides é respondido

*Bekker: 186 a 23-b 35*

> *O ARGUMENTO DE PARMÊNIDES É RESPONDIDO DE VÁRIAS MANEIRAS*

36. Após refutar o argumento de Melisso, aqui o Filósofo refuta o argumento de Parmênides.

Primeiro, ele refuta o argumento. Em segundo lugar, onde diz: "Alguns pensadores fizeram..." (187 a 1; L7 #47ss.), ele rejeita o que foi dito por alguns que argumentaram mal contra Parmênides.

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele expõe as maneiras pelas quais o argumento de Parmênides deve ser refutado. Em segundo lugar, onde diz: "Sua suposição..." (186 a 24 #39), ele resolve o argumento por essas maneiras.

37. Quanto à primeira parte, deve-se saber que o argumento de Parmênides era o seguinte, como fica claro na *Metafísica*, I:5. Tudo que é diferente do ser é não-ser. Mas o que é não-ser é nada. Portanto, tudo que é diferente do ser é nada. Mas o ser é um, portanto tudo que é diferente do um é nada. Logo, existe apenas um ser. E a partir disso ele concluiu que ele seria imóvel, porque não teria nada pelo qual seria movido, nem haveria nada fora dele pelo qual seria movido.

Além disso, fica claro, a partir de seus próprios argumentos, que Parmênides considerava o ser sob o aspecto [*secundum rationem*] do ser e, assim, considerava-o uno e finito; enquanto Melisso considerava o ser do ponto de vista da matéria. Pois Melisso considerava o ser na medida em que é feito ou não feito. E assim ele considerava o ser uno e infinito.

38. Aristóteles diz, portanto, que a mesma abordagem deve ser usada contra o argumento de Parmênides que foi usada contra o argumento de Melisso. Pois assim como o argumento de Melisso foi respondido com base no fato de que ele assumiu proposições falsas e não tirou suas conclusões de acordo com a forma correta do silogismo, também o argumento de Parmênides é respondido em parte porque ele assumiu proposições falsas e em parte porque não tirou suas conclusões corretamente.

Ele diz, no entanto, que também existem outras maneiras apropriadas de argumentar contra Parmênides. Pois é possível argumentar contra Parmênides a partir das proposições que ele assumiu e que são, em certo sentido, verdadeiras e prováveis. Mas Melisso partiu do que era falso e improvável, por exemplo, que o ser não é gerado. Por causa disso, Aristóteles não argumentou

contra Melisso a partir das proposições que ele assumiu.

39. Em seguida, onde diz: "Sua suposição..." (186 a 24), ele segue os procedimentos recém-mencionados. Primeiro, de acordo com a primeira maneira, e em segundo lugar, de acordo com a segunda maneira, onde diz: "Sua conclusão não se segue..." (186 a 25 #40).

Ele diz, portanto, primeiro que Parmênides assumiu proposições falsas porque ele sustentou que o que é, i.e., o ser, é usado simplesmente, i.e., de uma única maneira. Quando, na verdade, é usado de muitas maneiras.

Pois o ser é usado de uma maneira para a substância, de outra maneira para o acidente; e este último é usado de muitas maneiras de acordo com os diferentes gêneros. O ser também pode ser usado comumente para substância e acidente.

Portanto, fica claro que as proposições assumidas por Parmênides são verdadeiras em um sentido e falsas em outro. Pois quando se diz que tudo que é diferente do ser é não-ser, isso é verdade se o ser for tomado, por assim dizer, comumente para substância e acidente. Se, no entanto, o ser for tomado apenas para o acidente ou apenas para a substância, isso é falso, como será mostrado abaixo [#42-43].

Da mesma forma, quando ele diz que o ser é um, isso é verdade se o ser for tomado para alguma substância una ou para algum acidente uno. Mas isso não será verdade no sentido de que tudo que é diferente desse ser é não-ser.

40. Em seguida, onde ele diz: "Sua conclusão não decorre..." (186 a 25), ele segue o segundo método de responder ao argumento, ou seja, que o argumento de Parmênides não chega à sua conclusão de acordo com a forma adequada.

Ele mostra isso primeiro com um exemplo. E, em segundo lugar, onde ele diz: "É necessário que ele..." (186 a 33 #41), ele adapta esse exemplo ao problema em questão.

Ele diz, portanto, primeiro que se pode ver que o argumento de Parmênides não chega à sua conclusão adequadamente devido ao fato de que a forma de argumentação usada não é eficaz em toda matéria. E isso não poderia ser verdade se uma forma adequada de argumentação fosse usada. Pois se tomarmos "branco" no lugar de "ente", e se dissermos que "branco" significa apenas uma coisa e não é usado de forma equívoca, e se dissermos que tudo o que é diferente de branco é não-branco, e que tudo o que é não-branco é nada, então não se seguirá que o branco seria apenas um. Pois não será necessário que todas as coisas brancas sejam um contínuo. Ou, para colocar de outra forma, o branco não será necessariamente um por continuidade, ou seja, do fato de que o branco é um contínuo, não será um simplesmente. Pois um contínuo é, de certa forma, múltiplo, como foi dito acima [L3 #22].

E da mesma forma, o branco não será um na definição [ratio], pois o branco e aquilo que recebe o branco são diferentes na definição [ratio]. Além disso, não haverá algo diferente de branco, por assim dizer, separado dele. Pois o branco não é diferente daquilo que o recebe porque o branco é separável daquilo que o recebe, mas porque as definições [ratio] do branco e daquilo que o recebe são diferentes. Mas, no tempo de Parmênides, ainda não se sabia que algo poderia ser um no

sujeito e múltiplo na definição [ratio].

41. Em seguida, onde ele diz: "É necessário que ele..." (186 a 33), ele adapta esse exemplo ao assunto em questão para mostrar como o que ele disse sobre o branco também se aplica ao ente.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele mostra que não se segue que o ente seja um simplesmente. Pois o sujeito e o acidente são diferentes segundo a definição [ratio]. Em segundo lugar, onde ele diz: "Em particular, então..." (186 b 13 #44), ele mostra que isso não se segue devido à multiplicidade das partes.

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele mostra que, quando se diz que "tudo o que é diferente do ente é não-ente", esse "ente" não pode ser tomado como significando apenas o acidente. Em segundo lugar, onde ele diz: "Se, então, a substância..." (186 b 4 #43), ele mostra que esse "ente" não pode ser tomado como significando apenas a substância.

42. Ele diz, portanto, primeiro que, quando se diz que "tudo o que é diferente do ente é não-ente", se "ente" é dito significar uma coisa, então será necessário que ele não signifique algum ente particular ou o que é predicado de alguma coisa particular. Em vez disso, significará o que verdadeiramente é, ou seja, a substância, e significará o que é verdadeiramente um, ou seja, o indivisível. Pois, se o ente significasse o acidente, então, como o acidente seria predicado de um sujeito, o sujeito não poderia ser aquilo a que o acidente, que é chamado de ente, ocorre. Pois, se tudo o que é diferente do ente é não-ente (ou seja, diferente do acidente), e se o sujeito é diferente do acidente, que aqui é dito ser ente, então segue-se que o sujeito é não-ente. E assim, quando o acidente, que é ente, é predicado do sujeito que é não-ente, segue-se que o ente é predicado do não-ente. Portanto, Aristóteles conclui: "Algo, portanto, que não é, será" (186 b 1), ou seja, seguir-se-á que o não-ente é ente. Isso, no entanto, é impossível. Pois o que é primeiro assumido nas ciências é que os contraditórios não devem ser predicados um do outro, como se diz na *Metafísica*, IV:7. Donde ele conclui que, se algo é verdadeiramente ente, como se supõe na proposição "tudo o que é diferente do ente é não-ente", segue-se que não é um acidente inerente a outra coisa. Pois, nesse caso, seu sujeito não seria um ente. Isto é, esse sujeito não teria a natureza [ratio] de ente, a menos que o ente significasse muitos, de modo que cada um dos muitos seria um ente. Mas foi assumido por Parmênides que o ente significa apenas um.

43. Em seguida, onde ele diz: "Se, então, a substância..." (186 b 4), depois de ter concluído que "ente" não pode se referir ao acidente quando se diz que "tudo o que é diferente do ente é não-ente", ele mostra ainda que "ente" também não pode se referir à substância. Donde ele diz que, se o que verdadeiramente é não ocorre a algo, mas outras coisas ocorrem a ele, então, na proposição "tudo o que é diferente do ente é não-ente", é necessário que "o que verdadeiramente é", ou seja, a substância, seja significado pelo ente em vez do não-ente.

Mas isso não pode subsistir. Pois suponha-se que o que verdadeiramente é, ou seja, a substância, seja branco. Mas o branco não é o que verdadeiramente é. Pois já foi dito que o que verdadeiramente é não pode ocorrer a algo. E isso é assim porque o que não é verdadeiramente, ou seja, o que não é substância, não é o que é, ou seja, não é ente. Mas o que é diferente do ente, ou seja, diferente da substância, é não-ente. Logo, segue-se que o branco é não-ente, não apenas no sentido de que não é este ente, assim como um homem não é este ente que é um asno, mas

também no sentido de que não é de forma alguma. Pois ele diz que tudo o que é diferente do ente é não-ente, e o que é não-ente é nada. Disso, portanto, segue-se que o não-ente seria predicado daquilo que verdadeiramente é, porque o branco é predicado da substância, que verdadeiramente é. E o branco não significa ente, como foi dito.

Donde se segue que o ente é não-ente. E isso é, de fato, impossível, porque um contraditório não é predicado do outro.

Donde, se, para evitar essa inconsistência, dissermos que o verdadeiro ente significa não apenas o sujeito, mas também o próprio branco, segue-se que o ente significará muitos. E assim não haverá apenas um ente, pois o sujeito e o acidente são muitos segundo a natureza [ratio].

44. Em seguida, onde ele diz: "Em particular, então..." (186 b 13), ele mostra, por causa da multiplicidade das partes, que não se segue do argumento de Parmênides que haja apenas um ente. Ele mostra isso primeiro com referência às partes quantitativas e, em segundo lugar, com referência às partes da definição [ratio], onde ele diz: "A substância é claramente divisível..." (186 b 14).

Ele diz, portanto, primeiro que, se o ente significa apenas uma coisa, não apenas não será acidente com sujeito, mas também não será uma magnitude. Pois toda magnitude é divisível em partes. Mas as naturezas [ratio] de cada uma das partes não são as mesmas, mas diferentes. Donde se segue que esse ente uno não é uma substância corpórea.

45. Em segundo lugar, onde ele diz: "A substância é claramente divisível..." (186 b 14), ele mostra que esse ente não pode ser uma substância definível.

Pois em uma definição fica claro que aquilo que verdadeiramente é, ou seja, a substância, divide-se em muitas, cada uma das quais é o que verdadeiramente é, isto é, substância, e cada uma das quais possui uma natureza [ *ratio* ] diferente. Suponhamos que o homem seja algo que verdadeiramente é. Uma vez que o homem é um animal bípede, é necessário que o animal seja e que o bípede seja. E cada um destes será o que verdadeiramente é, ou seja, substância. E se não são substâncias, são acidentes, ou do homem ou de alguma outra coisa. Mas é impossível que sejam acidentes do homem.

E para esclarecer isso, ele assume duas coisas.

Primeiro, assume que 'acidente' é usado de duas maneiras. Um tipo de acidente é separável e, como tal, pode estar em algo ou não, por exemplo, sentar-se. Outro tipo de acidente é inseparável e *per se*. E este último é o acidente em cuja definição se coloca o sujeito no qual está. Por exemplo, o chato é um acidente *per se* do nariz, porque o nariz é colocado na definição do chato. Pois o chato é um nariz curvo.

A segunda coisa que ele assume é que, se certas coisas são colocadas na definição daquilo que é definido, ou na definição das coisas das quais a definição depende, então é impossível que a definição completa daquilo que é definido seja colocada na definição dessas certas coisas. Assim, bípede é colocado na definição de homem, e certas outras coisas são colocadas na definição de bípede ou animal, a partir das quais [isto é, de bípede e animal] o homem é definido. Portanto, é

impossível que o homem seja colocado na definição de bípede ou na definição de qualquer uma das coisas que caem na definição de bípede ou de animal. Caso contrário, teríamos uma definição circular, e uma mesma coisa seria tanto anterior quanto posterior, mais conhecida e menos conhecida. Pois toda definição é a partir do anterior e do mais conhecido, como se diz em *Tópicos*, VI:4. E pela mesma razão, quando branco é colocado na definição de homem branco, é impossível que homem branco seja colocado na definição de branco.

Assumidas essas coisas, o argumento é o seguinte. Se bípede é um acidente do homem, deve ser ou um acidente separável (e assim poderia acontecer que o homem não fosse bípede, o que é impossível) ou um acidente inseparável (e assim será necessário que o homem seja colocado na definição de bípede). Mas isso também é impossível, porque bípede é colocado na definição de homem. É impossível, portanto, que bípede seja um acidente do homem. Pela mesma razão, animal não pode ser um acidente. Se, no entanto, se diz que ambos são acidentes de outra coisa, seguir-se-ia que o homem também seria um acidente de outra coisa. Mas isso é impossível, pois já foi dito acima que aquilo que verdadeiramente é não é acidente de nada. Mas o homem foi assumido como sendo aquilo que verdadeiramente é, como fica claro pelo que foi dito acima.

Que se seguiria que o homem seria um acidente de outro se animal e bípede fossem acidentes de outro, ele mostra da seguinte forma. O que é dito tanto de animal quanto de bípede tomados separadamente pode ser dito deles tomados juntos, isto é, animal bípede. E o que é dito de animal bípede pode ser dito daquilo que é a partir deles, isto é, homem, porque o homem não é nada além de um animal bípede.

Portanto, fica claro que, se o ser é considerado como uno apenas, não podemos admitir que existam partes quantitativas, ou partes de uma magnitude, ou partes de uma definição. Portanto, segue-se que todo ser é numericamente indivisível. Caso contrário, ao considerar o ser como uno, seríamos forçados a postular uma multiplicidade por causa das partes.

46. O Comentador, no entanto, diz que na passagem que começa com 'Mas devemos assumir...' (186 b 33), Aristóteles apresenta o segundo argumento de Parmênides para mostrar que o ser é uno. E este argumento é o seguinte. Um ser que é uno é substância e não acidente (e por substância ele entende corpo). Se, no entanto, esse corpo é dividido em duas metades, seguir-se-á que o ser é predicado de cada metade e da união das duas. E isso ou prossegue ao infinito, o que é impossível em si, ou então o ser é dividido em pontos. Mas isso também é impossível. Portanto, segue-se que o ser é um uno indivisível.

Mas esta exposição é fabricada e contrária à intenção de Aristóteles, como fica suficientemente claro a partir de um exame da letra do texto de acordo com a primeira explicação.

---

Revision #2
Created 27 September 2026 17:30:09 by Admin
Updated 1 October 2026 23:33:27 by Admin